

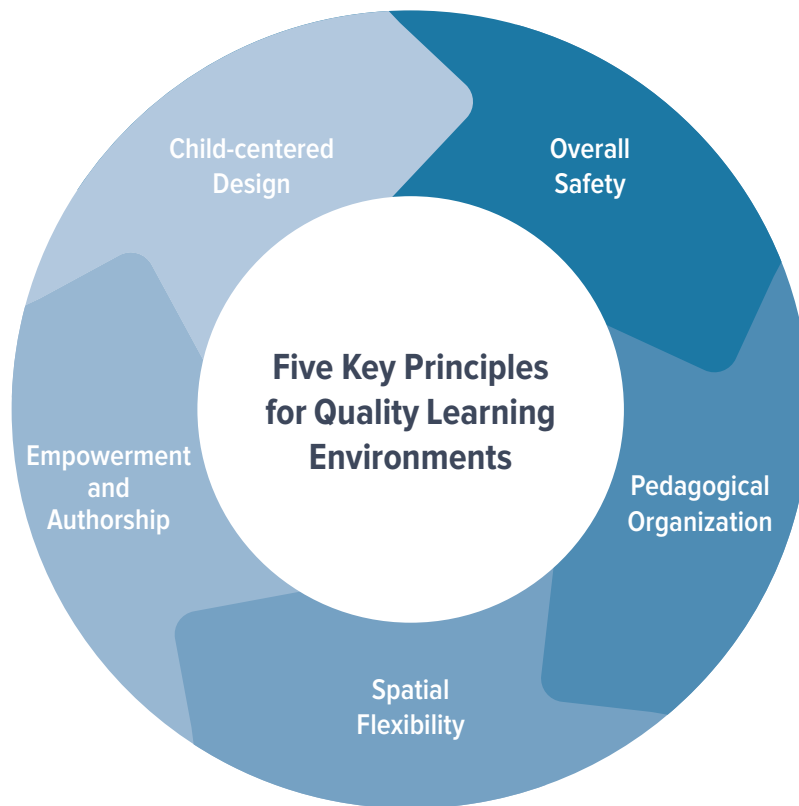
# CRIANDO AMBIENTES DE EDUCAÇÃO INFANTIL QUE PROMOVAM A APRENDIZAGEM PRECOCE

## Criando os ambientes certos para a aprendizagem

Os ambientes da educação infantil (EI) influenciam muito as experiências de aprendizagem das crianças, bem como sua saúde e desenvolvimento de modo geral. O ambiente de aprendizagem certo é mais do que apenas um espaço físico. Trata-se, na melhor das hipóteses, de criar um ambiente propício ao aprendizado no qual as crianças se sintam seguras, compreendam o mundo em sua volta e se sintam capacitadas, compreendidas e livres para aprender de forma ativa e flexível. O ambiente de aprendizagem certo possibilita às crianças interagir com seus professores, colegas e ambientes de uma maneira que as ajuda a aprender e entender melhor o mundo. Os espaços de EI que promovem a aprendizagem precoce permitem que as crianças circulem, explorem e manipulem o seu entorno. Infraestrutura física e materiais sofisticados e caros não são essenciais para garantir a aprendizagem das crianças; existem soluções locais e acessíveis para os países melhorarem os ambientes físicos onde as crianças aprendem e os materiais que utilizam. Além da infraestrutura física, outros aspectos da estrutura programática - como a duração e a intensidade, a proporção e o tamanho das turmas - influenciam a qualidade da EI e impactam o aprendizado das crianças pequenas. Definir padrões de qualidade estrutural realistas para os centros de EI e construir uma estrutura regulatória para a implementação sustentável desses padrões, incluindo o monitoramento da conformidade, pode ajudar a melhorar as condições dos serviços dos prestadores de EI no setor público e não-estatal.

## Estratégias para desenvolver e promover ambientes de qualidade

Existem cinco princípios-chave que devem ser considerados nos esforços envidados para melhorar a qualidade dos ambientes de aprendizagem infantil: (1) segurança geral; (2) organização pedagógica; (3) flexibilidade espacial; (4) empoderamento e autoria; e (5) concepção centrada na criança. Esses cinco princípios podem ajudar a criar um ambiente de aprendizagem precoce capaz de refletir as culturas, paisagens e experiências das comunidades locais. O ambiente de aprendizagem certo ajuda a criança a aprender sobre si mesma, sobre os outros e sobre a diversidade que existe no mundo. Esse ambiente está centrado em relações de aprendizagem entre crianças, adultos e materiais, e é baseado em encontros flexíveis ao invés de uma estrutura rígida de ensino.



- 1. Segurança geral.** A segurança das crianças e dos professores deve estar sempre em primeiro lugar – sem ela, é impossível aprender. Ambientes físicos de aprendizagem seguros não apenas protegem crianças, professores e comunidades, como também podem ajudar a gerar sensações de cuidado, autoconsciência e pertencimento à comunidade. Água, saneamento e práticas de higiene (como a lavagem das mãos e o descarte adequado de resíduos) são componentes essenciais de segurança que visam resguardar a saúde das crianças.<sup>1</sup> Baixa qualidade do ar e altos níveis de ruído têm um impacto negativo e direto na aprendizagem; já os espaços sem ventilação costumam ter concentrações mais altas de dióxido de carbono, com o potencial de afetar o aprendizado das crianças.<sup>2</sup> Criar espaços com luz natural e sujeitos à ventilação cruzada, além do uso de espaços naturais em aulas ao ar livre, são medidas econômicas que podem ajudar a superar alguns dos desafios mais comuns à prestação de EI de qualidade na atualidade.
- 2. Organização pedagógica.** Os ambientes de EI devem estimular o ensino e a aprendizagem.<sup>3</sup> Ao lançar mão de infraestruturas básicas de baixo custo, a organização pedagógica define a forma como os espaços promovem a exploração, a interação e a colaboração.<sup>4</sup> Construídas com materiais de baixo custo e disponíveis localmente, as paredes, janelas e áreas ou cantinhos dedicados a brincadeiras organizadas podem se tornar espaços de aprendizagem lúdicos e estimulantes. As experiências colaborativas que surgem nesses centros de aprendizagem são consistentemente associadas a experiências positivas de aprendizagem.<sup>5</sup>
- 3. Flexibilidade espacial.** Flexibilidade significa poder usar o espaço de várias maneiras em atividades diversas e estimulantes. Espaços flexíveis podem incentivar um ensino mais eficaz, trabalho em equipe e planejamento entre os educadores, e também desenvolver mais autoconfiança nas crianças para incentivar a iniciativa e a colaboração.<sup>6</sup> Os ambientes de EI fundamentados nos 3 As (do inglês *adaptable*, *agile* e *attuned*, que significam *adaptável*, *ágil* e *em sintonia*) são mais eficazes na promoção da exploração e da aprendizagem colaborativa por parte das crianças, em contraponto às estruturas rígidas e centradas no professor. Não há dúvida de que os 3 As são preferíveis a outras abordagens que imitam as salas de aula tradicionais do ensino primário. A flexibilidade espacial exige planejamento específico em relação às atividades, comportamentos e transições, além de controle de som. A probabilidade de os educadores adaptarem e reorganizarem as salas de formas diferentes aumenta se os professores forem incentivados

por treinamentos e políticas de planejamento da flexibilidade espacial, e se estiverem dispostos a assumir riscos e experimentar com o uso versátil dos espaços para desenvolver novas estratégias pedagógicas.

- 4. Empoderamento e autoria.** Os ambientes empoderadores não são espaços acabados. Proporcionar às crianças, professores e famílias a oportunidade de organizar e personalizar o espaço, o mobiliário e os materiais em prol do projeto de aprendizagem lhes dá a possibilidade de encontrar sua voz e significados compartilhados, além de inspirar sensações de pertencimento e integração.<sup>7</sup> O empoderamento baseia-se em uma cultura de aprendizagem na qual os professores e alunos são convidados a escolher ativamente onde trabalhar e têm a liberdade de alterar os espaços de acordo com seus interesses e prioridades de ensino e aprendizagem.<sup>8</sup>
- 5. Concepção centrada na criança.** Os ambientes de aprendizagem da EI devem ter sua concepção centrada na criança - ou seja, devem refletir suas características de desenvolvimento, práticas sociais e culturais e interesses cotidianos. Os ambientes de aprendizagem exigem dimensionamento adequado para as crianças de modo que sejam fáceis e confortáveis de navegar. Em outras palavras, devem poder ser capturados, escalados e conquistados. Isso inclui situar os objetos em locais de fácil acesso e ao nível dos olhos, ou oferecer cadeiras e mesas de tamanho adequado. A proporção de adulto para criança e o tamanho das turmas devem possibilitar interações personalizadas e lúdicas para promover o aprendizado infantil. Quando os grupos são menores e a proporção de educadores por criança é baixa, as práticas pedagógicas de alta qualidade podem ter um impacto significativo sobre as crianças, proporcionando interações mais frequentes e um pensamento compartilhado e sustentado.<sup>9</sup> A superlotação dos ambientes de aprendizagem atrapalha as interações de qualidade, aumenta os conflitos interpessoais e intensifica as brincadeiras solitárias, fazendo com que os professores tenham que dedicar mais tempo à resolução de conflitos e aumentando os casos de absentéismo, esgotamento (*burnout*) e aposentadoria precoce.<sup>10</sup>

## Executando estratégias para desenvolver e promover ambientes de qualidade

Há três passos que os governos podem seguir para proporcionar às crianças ambientes de aprendizagem infantil de qualidade. Essas etapas incluem *análise da situação*, *implementação* e *monitoramento do progresso*. Envolver as crianças, famílias e educadores nesse processo contínuo é essencial para criar uma sensação de pertencimento e responsabilidade compartilhada visando sustentar as melhorias de aprendizagem.

- 1. Análise da situação.** O primeiro passo é entender o ponto de partida. Os formuladores de políticas devem fazer perguntas baseadas em contextos locais para compreender melhor como os ambientes de aprendizagem respondem às necessidades das crianças pequenas. Exemplos de perguntas incluem se os centros estão cumprindo com as condições mínimas de higiene e segurança ou se o ambiente de aprendizagem pode ser adaptado com facilidade para diferentes tipos de experiências e grupos.
- 2. Implementação.** A implementação dos cinco princípios requer abordagens diferentes. Ambientes com *segurança geral e centrados nas crianças* podem ser disponibilizados por meio do desenvolvimento de padrões, normas ou regulamentos. Os sete passos para o desenvolvimento de padrões de qualidade são: 1) Realizar um estudo nacional para avaliar a qualidade dos ambientes de aprendizagem da EI; 2) Avaliar a viabilidade de elevar os padrões; 3) Definir os padrões; 4) Calcular a lacuna de qualidade; 5) Apoiar programas para atingir os padrões; 6) Oficializar os padrões; e 7) Desenvolver um sistema de certificação ou monitoramento. Embora a definição dos padrões possa parecer uma atividade fácil ou direta, o desafio é garantir que seu cumprimento seja realista e financeiramente acessível.

- 3. Monitoramento do progresso.** Melhorar a qualidade leva tempo e pode custar caro. Significa definir metas realistas que possam ser alcançadas e sejam viáveis e acessíveis. Os educadores e diretores podem avaliar os ambientes de aprendizagem para desenvolver planos de melhoria ou avaliar as necessidades de renovação, manutenção ou acomodação dos espaços. Para tanto, precisam de instrumentos de avaliação e de tempo para fazer as observações e dar feedback. É fundamental contar com os recursos financeiros necessários para melhorar as áreas deficientes. O monitoramento regular e o apoio para o atingimento das metas podem ajudar a criar espaços de aprendizagem infantil de qualidade. Isso pode ser feito em níveis diversos (de programa ou de país) dependendo do objetivo da avaliação e dos recursos disponíveis.

## Referências

- <sup>1</sup> Fauziati, E. (2016). Child friendly school: principles and practices. *The First International Conference on Child-Friendly Education*, 95–101; Patil, S. R., Arnold, B. F., Salvatore, A. L., Briceno, B., Ganguly, S., Colford, J. M., & Gertler, P. J. (2015). The effect of India's total sanitation campaign on defecation behaviors and child health in rural Madhya Pradesh: A cluster randomized controlled trial. *PLoS Medicine*, 11(8); Xuan, L. T. T., Rheinländer, T., Hoat, L. N., Dalsgaard, A., & Konradsen, F. (2013). Teaching handwashing with soap for schoolchildren in a multi-ethnic population in northern rural Vietnam. *Global Health Action*.
- <sup>2</sup> Education Endowment Foundation. (2019). *Built Environment*.
- <sup>3</sup> Adlerstein, C., Manns, P., & González, A. (2018). *Valorar el Modelamiento del Ambiente Físico de Aprendizaje en la Educación Parvularia. Manual para la aplicación de ME.MAFA*. Santiago, Chile: Ediciones UC.
- <sup>4</sup> Devine-Wright, P. (2009). Rethinking NIMBYism: The role of place attachment and place identity in explaining place-protective action. *Journal of community & applied social psychology*, 19(6), 426-441.
- <sup>5</sup> Kennedy, M. (2010). In Position to Learn. *American School & University* 82(6): 20–22.
- <sup>6</sup> Gandini, L. (2005). *In the Spirit of the Studio: Learning from the Atelier of Reggio Emilia*. New York: Teachers College Press; Oblinger, D. G. (2007). "Space as a Change Agent." *Educause*; Dekker, R., Elshout-Mohr, M., & Wood, T. (2006). How Children Regulate Their Own Collaborative Learning. *Educational Studies in Mathematics* 62: 57–79; Fielding, M. (2006). Leadership, Radical Student Engagement and the Necessity of Person-Centered Education. *International Journal of Leadership in Education* 9: 299–313.
- <sup>7</sup> Adlerstein, C., Manns, P., & González, A. (2016). *Pedagogías para habitar el jardín infantil. Construcciones desde el modelamiento del ambiente físico de aprendizaje (MAFA)*. Santiago, Chile: Ediciones UC.
- <sup>8</sup> Cleveland, B., Soccio, P., Mountain, R., & Imms, W. (2018). *Learning Environment Design and Use*.
- <sup>9</sup> Purdon, A. (2016). Sustained shared thinking in an early childhood setting: an exploration of practitioners' perspectives. *Education 3-13*; Siraj-Blatchford, I. (2009). Conceptualising progression in the pedagogy of play and sustained shared thinking in early childhood education: A Vygotskian perspective. *Educational and Child Psychology*.
- <sup>10</sup> Mathews, E., & Lippman, P. C. (2020). The Design and Evaluation of the Physical Environment of Young Children's Learning Settings. *Early Childhood Education Journal*, 48, 171–180; OECD. (2019). *Improving Jobs in Early Childhood Education and Care*. In *Improving Jobs in Early Childhood Education and Care*.